O IDIOTA

de Fiódor Dostoiévski
(1821 – 1881)

Resumo da Narrativa

Dostoiévski começou a escrever "O Idiota" em fevereiro de 1867 em Genebra, uma das escalas de sua temporada-refúgio de quatro anos no exterior, que fez com sua segunda mulher Anna Grigórievna. Para escrever a obra, Dostoiévski havia recebido adiantamento da revista *Mensageiro Russo*, mas a idéia central do romance já era antiga. Segundo sua correspondência, Dostoiévski procurava *"representar um homem inteiramente positivo, de uma natureza absolutamente bela"*. Dostoiévski continua: *"De todas as belas figuras da literatura, a mais perfeita é Dom Quixote. Mas Dom Quixote só é tão belo por ser ao mesmo tempo ridículo."* No momento em que "O Idiota" estava sendo escrito, as reformas de Alexandre II, como a abolição da servidão, já haviam perdido o seu impacto inicial e restava a sensação de uma ocidentalização acelerada na Rússia, associada ao *status* decrescente da classe latifundiária e à emergência de uma pequena burguesia.

Entre as outras obras do autor, as mais próximas de "O Idiota" são "Notas do Subsolo" e "Humilhados e Ofendidos".

Livro I

Logo do início, Dostoiévski nos apresenta as duas principais personagens do romance: o príncipe Liev Nikoláievitch Míchkin e Parfen Semeónitch Rogójin. Míchkin tem "*entre vinte e seis e vinte e sete anos, alto, muito loiro*, *olhos graúdos, azuis e perscrutadores"*. Rogójin é de estatura mediana, *"uns vinte e sete anos, cabelos encaracolados, quase pretos, olhos castanhos miúdos porém incandescentes"*... *"seus lábios finos formavam constantemente um sorriso descarado, zombeteiro e até mesmo mau..."*. Sem se conhecerem, ambos vêm de trem para São Petersburgo e se encontram, segundo o autor, de maneira extraordinária. Míchkin e Rogójin começam uma conversa à qual se junta o pequeno oficial Liébediev com cerca de quarenta anos. A temática desta conversa é a espinha dorsal do romance.

Apesar de Míchkin e Rogójin discordarem de quase tudo, sofrem misteriosa atração mútua. As roupas e assuntos de Míchkin dão a impressão de ele ser estrangeiro, apesar de pertencer a uma velha linhagem de nobres russos. Na verdade, Míchkin estava voltando, sem ter sido completamente curado, de uma longa estadia de quase cinco anos numa instituição para doentes mentais no cantão Wally na Suíça, fato que o príncipe compartilha sem constrangimento com os desconhecidos Rogójin e Liébediev e sem se importar com o tom de sarcasmo de seus interlocutores. Míchkin conta que, embora fosse órfão e não houvessem outros Míchkins (*"acho que sou o último"*), tinha sido mandado para a Suíça às custas de Nikolai Andrêievitch Pavilischov, um amigo do seu pai, e *"por causa da doença"* não pudera estudar nada. Este

benfeitor morrera havia já dois anos e, desde então, ele fora tratado de graça pelo doutor Schneider. Rogójin define o Príncipe como *"santo-louco"*[1]**,** enquanto ele confessa intimidades:

> *" – E quanto ao sexo feminino, príncipe, és um grande apreciador? Dize antes!*
> *– Eu, n-n-não! É que eu... Talvez o senhor não saiba, mas por causa de minha doença congênita nunca conheci mulher.*
> *- Bem, sendo assim – exclamou Rogójin -, tu, príncipe, tu és um iuródiv, e Deus ama pessoas assim como tu."* (pág. 33)

Rogójin narra também uma passagem de sua vida. Alguns meses antes ele havia roubado do pai dez mil rublos para comprar um par de brincos de diamante para uma mulher conhecida da cidade, Nastácia Filíppovna, por quem ele estava apaixonado. Quando seu pai descobriu a falta do dinheiro, ficou furioso ao ponto de querer matá-lo e ele foi obrigado a esconder-se na casa de sua tia, em Pskov, onde ficou muito doente durante um mês. Ele mal havia se recuperado quando chegaram as notícias da morte do pai e por esta razão estava voltando a Petersburgo para tomar posse da herança.

Na próxima cena, estamos na casa dos Iepántchins, uma família burguesa emergente. Míchkin, logo após a chegada, vai visitar a generala[2] Iepanchina, uma prima distante, um dos poucos parentes de que ele tinha notícia. Na verdade, Míchkin e a generala parecem ser os últimos da linhagem, e Míchkin não tem mais ninguém nessa vida. Enquanto espera ser recebido, sob olhos suspeitosos de sua aparência pobre, Míchkin comenta com os empregados, com toda a ingenuidade, a respeito das coisas que tem visto e pensado. Os empregados estranham:

> *"Pareceria que a conversa do príncipe era a mais simples; no entanto, quanto mais simples ela era mais absurda ia se tornando nesse momento, e o experiente criado não podia deixar de notar que se algo que fica bastante bem a um homem em conversa com outro homem já não fica nada bem a um visitante em conversa com um homem como ele. E como os homens são bem mais inteligentes do que os seus senhores costumam pensar a respeito deles, o criado meteu na cabeça que ali havia duas coisas: ou o príncipe era algum devasso ou comparecera forçosamente a fim de pedir por causa de sua pobreza, ou o príncipe era simplesmente um bobo e sem ambição, porque um príncipe inteligente e ambicioso não estaria sentado numa sala de recepções e conversando com um criado sobre os seus problemas, logo, não teria ele de se responsabilizar pelo príncipe em qualquer um dos casos?"* (págs. 39 e 40)

Míchkin diz ter assistido na França a uma execução pela guilhotina e explica sua teoria de a morte por tortura ser melhor do que a morte instantânea, porque durante o sofrimento permanece a esperança. Argumenta contra a pena de morte, dizendo que *"matar por matar é um castigo desproporcionalmente maior que o próprio crime. A morte por sentença é desproporcionalmente mais terrível que a morte cometida por bandidos"*.

Finalmente, Míchkin é recebido pelo general Ivan Fiódorovitch Iepántchin, que suspeita que o Príncipe viera buscar auxílio financeiro. Míchkin, apesar de só ter alguns copeques, nega peremptoriamente mais de uma vez, mas quando tenta explicar seus verdadeiros propósitos é sempre interrompido. Não consegue contar também que receberia uma grande herança.

---

[1] Nota do resumidor – No original *"Iuródiv",* que significa bobo, mendigo alienado, vidente.

[2] Nota do resumidor – Generala por força do casamento com um "general", título que, na Rússia Imperial, não correspondia necessariamente a um posto militar, mas a postos do serviço civil também. A carreira militar e a civil tinham os mesmos postos.

Enquanto Míchkin demonstra, a pedido do general, seus dotes de caligrafia, ouve da boca de Gánia, o secretário de Iepántchin, o nome de Nastácia Filíppovna. Naquela noite, na festa de aniversário desta moça, esperava-se que ela anunciasse o noivado com o secretário. Quando Míchkin revela que já sabia da existência de Nastácia e que Rogójin havia voltado no mesmo trem que ele, os presentes ficam muito surpreendidos.

O leitor fica sabendo, em seguida, do plano em curso. O "protetor" de Nastácia, Totski, livrar-se-ia dela, que ele teme, e casar-se-ia com a filha mais velha do general, Alieksandra. Gánia, apelido do secretário Gavríla Ardaliónovitch Ívolguin, casaria com Nastácia e receberia a soma de setenta e cinco mil rublos como dote, preço que Totski pagaria para "comprar" sua liberdade, já que Nastácia andava crescentemente agressiva e ameaçadora. A moça teria concordado com este negócio, mesmo sem amar Gánia, um rapaz de vinte e sete anos, ambicioso e arrimo de uma família empobrecida liderada pelo general Ardalion Ívolguin, um velho fracassado e alcoólatra. Na família Ívolguin, havia também a generala Nina Alieksándrovna e dois outros filhos, Varvara, chamada familiarmente de Vária, e um menino de treze anos, Nikolai, de apelido Kólia.

Ao leitor é revelado que o "protetor" Totski, que a recolhera como órfã, havia se aproveitado sexualmente de Nastácia a partir de seus dezesseis anos, e a havia mantido como amante numa pequena fazenda na "Aldeia das Delícias". Míchkin vê no retrato da moça apresentado por Gánia um ar de amargura, que, na verdade, era mais marca de excessivo orgulho e apatia.

> *"Era como se quisesse decifrar algo que se ocultava naquele rosto que há pouco o impressionara. A impressão anterior quase não o deixara e agora ele se apressava como se quisesse verificar de novo mais alguma coisa. Esse rosto, incomum pela beleza e por alguma outra coisa, agora o impressionava ainda mais. Era como se nesse rosto houvesse uma altivez sem fim e um desprezo, quase ódio, e ao mesmo tempo algo crédulo, algo surpreendentemente simplório; esses dois contrastes excitavam como que até uma certa compaixão quando se olhava para aqueles traços. Aquela beleza estonteante era inclusive insuportável, era a beleza de um rosto pálido, de faces levemente caídas e olhos de fogo; estranha beleza! "* (pág. 106)

O general Iepántchin apresenta o príncipe à sua mulher, e escapa do interrogatório que ela ensaiava sobre o colar de pérolas que teria comprado como presente de noivado para Nastácia (corriam rumores de que o próprio general estava apaixonado pela moça). A generala, LIsavieta Prokófievna, e suas três filhas, Alieksandra, Adelaida e Aglaia, juntam-se ao príncipe na sala de visitas.

Com espontaneidade beirando a ingenuidade, Míchkin ganha a confiança e simpatia da generala e de suas das filhas. Embora tenham descoberto que o parentesco entre Míchkin e a generala era muito tênue, conversam animadamente, as meninas dando risadinhas o tempo todo. O Príncipe não se ofende e ri junto:

> *" – É muito bom que o senhor esteja rindo. O senhor é um jovem boníssimo – disse a generala.*
> *- Às vezes não sou bom – respondeu o príncipe.*
> *- Mas eu sou boa – emendou inesperadamente a generala -, e, se quiser, eu sou sempre boa, esse é o meu único defeito, porque não se deve ser sempre bom... Me enfureço com muita freqüência, por exemplo, com elas, sobretudo com Ivan Fiódorovitch, mas o que é detestável é que sou sempre mais bondosa quando estou com raiva. Há pouco, antes da sua chegada, eu me zanguei e imaginei que não entendo e não consigo entender nada. Isso acontece comigo; pareço uma criança."* (págs. 79-80)

Para aquela audiência atenta, Míchkin conta duas histórias impressionantes. A primeira é sobre um homem sentenciado ao enforcamento, mas perdoado no último momento[3]. O príncipe conta a história com pormenorizada descrição da psicologia do condenado e ataca a pena de morte como o pior ato que se pode conceber sobre a terra. Em seguida conta a história de Marie, uma moça caída em desgraça na cidade suíça onde ele vivera. A moça havia sido repelida pela comunidade (incluindo sua própria mãe, cuja morte "por desgosto" depois fora atribuída pelo pastor à própria filha), porque havia sido seduzida por um caixeiro viajante. Míchkin, apiedado dela, havia lutado para recuperar o seu conceito, mesmo às custas do seu próprio (a comunidade não lhe perdoou ter beijado a moça) mas, finalmente, quando a moça morreu de tuberculose, seu caixão foi cercado por crianças que a amavam e respeitavam. A respeito dessa história, que trata da compaixão cristã, Míchkin emenda:

> *"Por fim, Schneider me externou um pensamento muito estranho – isso já foi bem perto da minha partida -; ele me disse que se havia convencido inteiramente de que eu mesmo sou uma criança perfeita, isto é, plenamente criança, que apenas pelo tamanho e pelo rosto eu me pareço com um adulto mas que pelo desenvolvimento, a alma, o caráter e talvez até a inteligência eu não sou um adulto e assim o serei mesmo que viva até os sessenta anos. Eu ri muito: é claro que ele não tem razão, porque, que criança sou eu?"* (pág. 98)

Antes de partir, Míchkin descreve as qualidades que ele vê no rosto de cada uma das mulheres. Vê em Lisavieta *"uma criança completa"*. (Compara Aglaia com Nastácia e deixa entrever a rivalidade entre elas que aparecerá mais tarde no romance.) O príncipe, como era de hábito, conta tudo, incluindo que havia ouvido falar de Nastácia e visto uma foto dela com Gánia. As mulheres ficam curiosíssimas e pedem a Míchkin que vá buscar a foto. Quando o príncipe vai voltando com a foto, Gánia pede a ele que entregue a Aglaia um bilhete onde ele dizia só querer o dote e que se Aglaia casasse com ele, ele não mais casaria com Nastácia. Aglaia responde *"que não faz barganhas"*, o que enfurece Gánia contra Aglaia e contra Míchkin, a que chama de *"tagarela sem-vergonha"* e de *"idiota"*. O Príncipe reage:

> *" – Eu devo observar ao senhor, Gavrila Ardaliónovitch – disse subitamente o príncipe -, que antes eu realmente era uma pessoa tão sem saúde que de fato era quase um idiota; mas hoje estou restabelecido há muito tempo e por isso acho um tanto desagradável quando me chamam de idiota na cara. Embora eu possa desculpá-lo, levando em conta os seus fracassos, no entanto o senhor, movido por seu despeito, chegou até a me insultar duas vezes. Disso eu não gosto nem um pouco, particularmente dessa maneira, de repente, como o senhor está fazendo; e já que neste momento estamos em um cruzamento, talvez seja melhor que nos separemos: o senhor toma a direita no rumo de sua casa, e eu a esquerda. Eu tenho vinte e cinco rublos e seguramente encontrarei algum hôtel garni[4]."* (págs. 114-115)

De fato, antes de sair, o general havia dado a Míchkin vinte e cinco rublos e a promessa de um *"empreguinho na chancelaria"*. Havia também arranjado para ele alugar um quarto na casa de Gánia, para onde a dupla estava se dirigindo. A única bagagem de Míchkin era uma trouxinha.

A narrativa muda para a casa dos Ívolguins, a família empobrecida de Gánia. Seguem-se vários episódios envolvendo dinheiro: o outro inquilino, Fierdischenko, adverte o príncipe a não lhe emprestar dinheiro (*"não me empreste dinheiro, porque forçosamente eu vou pedir"*); Nina Alieksándrovna, mãe de Gánia, e o próprio Gánia advertem o novo hóspede a não emprestar dinheiro ao general Ívolguin, que é mentiroso compulsivo e contador de histórias fantasiosas com a intenção de chamar a atenção e melhorar a sua

---

[3] Nota do resumidor – Exatamente o caso de Dostoiévski, que teve sua sentença de morte por fuzilamento comutada na undécima hora, quando já estão prontos os preparativos para a execução.

[4] Nota do resumidor – Em francês no original significa apartamento mobiliado.

velhice amarga. Gánia tem vergonha de seu pai e da situação da família que está obrigada a aceitar inquilinos para sobreviver. O rapaz está especialmente estremecido com a mãe e a irmã que se opõem ao casamento com Nastácia.

Na próxima cena do romance, Nastácia Filíppovna aparece pela primeira vez. A moça chega na casa dos Ívolguins, confunde Míchkin com um empregado, entrega-lhe seu casaco, admoesta-o por sua incompetência (*"Vejam, agora deixou o casaco cair, bobalhão"*) e exige ser anunciada imediatamente.

Sentada na sala de visitas, Nastácia desdenha de Gánia, perguntando pelos inquilinos (*"Onde está o seu gabinete? E... os inquilinos? Sim, porque vocês não mantêm inquilinos?"*) e encoraja o velho a contar uma de suas histórias fantasiosas. O general conta com intenso interesse o episódio do cachorrinho que ele havia atirado da janela de um trem para vingar-se da dona que havia jogado seu charuto pela janela.

> *"O senhor é um monstro! – gritou Nastácia Filíppovna, gargalhando e batendo palmas como uma menininha."* (pág. 141)

Neste momento, um visitante inesperado aparece: Rogójin com um grupo de amigos vulgares (entre eles Liébediev, aquele do trem), incluindo duas mulheres que não ousaram subir. No primeiro momento, Rogójin é surpreendido pela presença de Nastácia, mas leva em frente o seu plano de "comprar" Gánia a quem ele acusa de fazer qualquer coisa por dinheiro. Mais do que isso, Rogójin, entre outras grosserias, afirma poder comprar a própria Nastácia e promete-lhe cem mil rublos naquela noite, batendo a oferta de Totski. O clima fica pesado:

> *"A cena estava saindo com extrema indecência, mas Nastácia Filíppovna continuava rindo e não saía, como se realmente tivesse a intenção de prolongá-la. Nina Alieksándrovna e Vária também haviam se levantado de seus lugares e aguardavam assustados e calados até onde aquilo iria chegar; os olhos de Vária brilhavam, mas sobre Nina Alieksándrovna tudo surtia um efeito mórbido; ela tremia e parecia querer desmaiar a qualquer momento."* (págs. 146-147)

Começa uma briga que envolve quase todos. Vária pede que alguém ponha Nastácia (*"esta sem-vergonhice"*) para fora. Como o irmão não o faz, cospe-lhe na cara. Gánia faz menção de agredi-la. Míchkin intervém para defender a moça e é atingido por Gánia com uma bofetada. Nastácia faz pouco de Vária: *"Isso sim que é moça..."*

O príncipe não revida a bofetada e este ato de sacrifício atrai para si a simpatia de toda a família. Rogójin diz a Gánia que ele iria se arrepender por ter ofendido *"semelhante... ovelha"*. A própria Nastácia abandona sua linguagem sarcástica, ajoelha-se para beijar a mão de Nina Alieksándrovna e sai às pressas, proibindo Gánia de segui-la, mas convidando-o para a festa de seu aniversário naquela noite (quando, supostamente, ela faria o anúncio de seu noivado com ele). Rogójin sai debochadamente, dizendo que Gánia havia perdido o jogo.

Míchkin vai para seu quarto onde Vária e Kólia, que simpatizavam com ele, o visitam. Entra Gánia e se desculpa humildemente com o príncipe, mas seu orgulho ressurge rapidamente, reafirmando que Nastácia iria se casar com ele porque ele seria um homem original. Míchkin diz-lhe que ele é apenas um homem comum e até mais fraco que a maioria. Insultado, Gánia diz que, com dinheiro, ele será um homem "original" e ironiza Míchkin por sua excessiva simpatia por Nastácia, sugerindo segundas intenções (*"É verdade o que me pareceu, que o senhor gosta demais de Nastácia Fillipóvna?"*).

Míchkin se encontra numa taberna com o general Ívolguin para descobrir o endereço da casa de Nastácia. O príncipe pretendia ir à festa, mesmo sem ter sido convidado. O general, bêbado, como costume, pede-lhe dinheiro (Míchkin concorda em lhe dar 10 dos 25 rublos que recebeu e lhe entrega a nota esperando receber a diferença). Antes de conduzir o príncipe ao endereço da moça, o general vagueia com ele pela cidade, procurando pessoas em endereços errados. No caminho, encontram Kólia, que menciona o nome de seu amigo tuberculoso Hippolit. O general resolve apresentar o príncipe a Marfa Borísovna, mãe de Hippolit e mulher "mantida" pelo aposentado, que recebe o velho com vários desaforos por causa de certa dívida que ele teria contraído às expensas do patrimônio dela. O general dá-lhe todos os vinte e cinco rublos do príncipe, que contava em receber quinze de volta, e agora está novamente sem dinheiro nenhum. O general senta no sofá e adormece profundamente.

Míchkin, finalmente, chega à festa.

Os convidados fazem um *petit jeux*[5]: contar publicamente a pior coisa que já haviam feito. Não se trata de contar para se obter a absolvição, como na confissão religiosa, mas apenas para se expor publicamente. O primeiro é Fierdischenko que confessa ter uma vez roubado uma pequena quantidade de dinheiro, ato que se atribuiu a uma empregada que foi demitida. O general Iepántchin também confessa que, em face do desaparecimento de uma sopeira, supôs ter sido uma velha de oitenta anos da casa de quem havia recentemente mudado. Iépantchin foi à casa dela e xingou-a de *"isso e aquilo e aquilo outro"* para em seguida descobrir que ela estava morta havia meia hora. Conclui a história dizendo que para purgar a culpa, havia doado uma boa soma à caridade. Totski conta a peça de mau gosto que pregou num conhecido apaixonado. Ao saber deste amigo que ele finalmente descobrira onde comprar raríssimas camélias[6], a flor predileta da amada dele, antecipou-se e comprou todas para auxiliar outro "descamelizado" que interessava agradar. O amigo, ao descobrir que ficaria sem as flores, teve convulsões e delírio mas recuperou-se, apenas para morrer na guerra no Cáucaso.

Nastácia, que já está achando este jogo aborrecido, interrompe a seqüência e diz que ela fará a última confissão. A moça comunica a Míchkin (que supostamente não sabe de nada) que o general Iepántchin e Totski querem casá-la com Gánia e lhe pergunta se ela deve ou não aceitar. Míchkin responde "*não*" a esta surpreendente pergunta. Nastácia declara a Gánia, Totski e ao general Iepántchin que vai seguir esta sugestão. Ainda por cima, anuncia que libera Totski do seu compromisso moral com ela; rejeita o dote de setenta e cinco mil rublos e diz que planeja deixar São Petersburgo imediatamente. Manda também Iepántchin dar o colar de pérolas à mulher dele.

A confusão aumenta com a chegada de Rógojin com seu usual grupo de delinqüentes. O rapaz trazia os cem mil rublos prometidos naquela tarde. Confrontada com um pacote de notas, Nastácia lembra a audiência como ela foi reduzida a dinheiro e como ela está enojada de dinheiro. (Dando-se conta de que ela é vista como uma mulher caída, ela é a primeira a desprezar a si mesma e vê no seu orgulho sua única arma contra este mundo duro). Anuncia que vai começar nova vida sem um copeque. Surpreendentemente Míchkin declara-se, dizendo que a ama e irá amá-la por seu verdadeiro caráter e, quando começam as risadinhas, o príncipe revela que lhe foi anunciada por carta grande herança de uma tia distante, viúva de um comerciante rico.

> *" – Eu não sei nada, Nastácia Filíppovna, eu não vi nada, a senhora tem razão, mas eu... eu considero que é a senhora que me dará a honra e não eu à senhora. Eu não sou nada, já a senhora sofreu e saiu de um grande inferno, e pura, e isso é muito. De que se*

[5] Nota do resumidor – Em francês, no original.
[6] Nota do resumidor – Naquela época, fazia furor o romance "A Dama das Camélias" de Alexandre Dumas Filho e todos os apaixonados as ofereciam.

> *envergonha e por que quer ir-se com Rogójin? Isso é febre... A senhora devolveu ao senhor Totski setenta mil rublos e diz que vai abandonar tudo o que existe aqui; ninguém aqui presente faria tal coisa. Eu, Nastácia Filíppovna, a... a amo. E morrerei pela senhora, Nastácia Filíppovna. Não permito que ninguém diga uma palavra contra a senhora... Se formos pobres, eu vou trabalhar, Nastácia Filíppovna..."*
>
> *(...)*
>
> *" - ... Mas nós talvez não venhamos a ser pobres e sim muito ricos, Nastácia Filíppovna – continuou o príncipe com a mesma voz tímida. – Se bem que eu ainda não sei ao certo, e lamento que até este momento, depois de um dia inteiro, eu não tenha me inteirado de nada, mas na Suíça eu recebi uma carta do senhor Salázkinm enviada de Moscou, e ele me faz saber que eu estaria para receber uma herança muito grande. Veja esta carta..."*
> (págs. 196-197)

Nastácia concorda. Míchkin diz que desconsidera todo o passado dela e que iria sempre respeitá-la, mas a aceitação por Nastácia da oferta de Míchkin é apenas temporária. Surpreendentemente ela se diz corrupta e baixa e volta-se para Rogójin. Prepara-se para sair com ele, mas antes faz o último gesto de rebelião contra Totski, Gánia e Iepántchin: atira o maço dos cem mil rublos no fogo e desafia Gánia a apanhá-lo com as mãos nuas, condição para ele poder ficar com o dinheiro. Gánia resiste sob protestos gerais e, finalmente, sob muita pressão e dúvida, desmaia, enquanto Rogójin e Nastácia saem com ar triunfal. Nastácia, da porta, manda tirar o pacote do fogo, que só havia consumido o invólucro e diz que o dinheiro é de Gánia, ainda desacordado. Míchkin sai atrás deles na rua, tentando seguir os sinos de suas carruagens.

No dia seguinte, Gánia entregaria o pacote a Míchkin pedindo que ele o devolvesse em seu nome.

Livro II

O príncipe Míchkin parte para Moscou para tratar de assuntos ligados à sua herança e não se o vê em Petersburgo durante seis meses. Aparentemente problemas inesperados apareceram:

> *"Metade da fortuna estava complicada; apareceram dívidas, apareceram uns tais pretendentes, e o príncipe, a despeito de todas as orientações, comportou-se da forma mais distante da prática... Por outro lado, aí ele acabou fazendo uma bobagem: apareceram, por exemplo, credores do falecido comerciante apoiados em documentos discutíveis, insignificantes, e apareceram outros depois de terem farejado o príncipe e sem quaisquer documentos – e o que aconteceu? O príncipe satisfez a quase todos, apesar das recomendações dos amigos, para os quais essa gentinha e todos esses tais credores não tinham quaisquer direitos; e satisfez unicamente porque de fato se verificou que algumas dessas pessoas realmente haviam sofrido."* (págs. 215-216)

Correm rumores, no entanto, de que Nastácia e Rogójin também estão em Moscou e pretendem se casar, apesar de várias crises de separação. Míchkin finalmente volta para São Petersburgo e, assim que chega na estação, percebe-se espreitado na multidão por um par de olhos conhecidos, embora não saiba de quem são exatamente. Visita Liébediev e Rogójin a quem, soube-se, também visitava quando ambos estavam em Moscou.

Na casa de Rogójin, conversam sobre Nastácia. Míchkin declara que somente a quisera por compaixão e que achava difícil distinguir o amor dele (Rogójin) do ódio. Rogójin retruca dizendo que Nastácia ama realmente Míchkin mas não quer corrompê-lo com a ligação com ela e é por isso que ela voltou-se para ele (Rogójin). Confessa que uma vez, por causa de suas provocações, ele a havia espancado para valer. A

atenção dos dois é atraída para uma aterrorizante pintura[7] do Cristo morto. Míchkin comenta: *"É possível perder a fé olhando para este quadro"* e conta quatro encontros que teve com a fé. O primeiro estava associado a um ateu e o segundo envolvia um homem religioso que matou seu amigo por um relógio depois de dizer *"Senhor, perdoa por Cristo"*[8]. Depois de ouvir estas duas histórias, Rogójin comenta: *"Um não acredita em Deus de modo nenhum, enquanto o outro é tão devoto ao ponto de cortar a garganta alheia com uma oração."*

Míchkin continua suas histórias e fala de um crucifixo de ferro que comprou de um soldado bêbado, que pensava que o enganava dizendo que era de prata, e de uma mãe feliz cuidando de uma criança que disse: *"Deus sente esta mesma alegria sempre que vê do céu um pecador se posicionando de todo coração para orar diante Dele"*. Como Parfen Rogójin queria saber se Míchkin acredita ou não em Deus, o príncipe esclarece:

> *"Escuta, Parfen, há pouco me fizeste uma pergunta e eis a minha resposta: a essência do sentimento religioso não se enquadra em nenhum juízo, em nenhum ato ou crime ou nenhum ateísmo; aí há qualquer coisa diferente e que vai ser sempre diferente. Aí há qualquer coisa sobre a qual irão escorregar eternamente os ateísmos e da qual irão dizer eternamente coisas diferentes. No entanto, o principal é que a gente percebe isso com mais clareza e antes de tudo no coração russo, eis a minha conclusão"* (pág. 256)

Rogójin e Míchkin trocam crucifixos, tornando-se "irmãos espirituais". Rogójin leva o príncipe para conhecer sua mãe, entrevada desde a morte do marido, que o abençoa com três dedos. Míchkin vê sobre a mesa de trabalho de Rogójin uma tesoura nova e comenta. Rogójin, fica embaraçado. O príncipe, desconfiado do rapaz sai e anda a esmo até chegar à casa de Nastácia Filippovna. Ela não está, mas o príncipe percebe que tem sido seguido por Rogójin o tempo todo. Míchkin volta para seu hotel, onde no alto de uma escadaria escura Rogójin tenta esfaqueá-lo. Neste momento, Míchkin sofre um ataque epilético que "desarma" Rogójin, faz com que o príncipe caia escada abaixo e paradoxalmente salva sua vida.

> *"Os olhos de Rogójin brilharam e um riso furioso lhe deformou o rosto. Sua mão direita ergueu-se e alguma coisa brilhou dentro dela; o príncipe não pensou em detê-la. Lembrava-se apenas de que parecia haver gritado:*
> *- Parfen, não acredito!...*
> *Depois foi como se alguma coisa se escancarasse subitamente diante dele: uma luz interior inusitada lhe iluminou a alma. Esse instante durou talvez meio segundo; mas ele, não obstante, lembrava-se com clareza inconsciente do início, do primeiríssimo som do seu terrível grito, que irrompeu de seu peito por si mesmo e por força nenhuma ele seria capaz de deter. Depois sua consciência se apagou por um instante e veio a plena escuridão.*
> *Teve um ataque de epilepsia[9], que há muito tempo o havia abandonado. Sabe-se que os ataques de epilepsia, a própria epilepsia, passam num instante."* (págs. 269-270)

Recuperando-se numa residência que sublocou na dacha de Liébediev em Pávlosk, Míchkin é visitado pelos Iepántchins (que têm sua própria dacha a trezentos metros da de Míchkin). Com a família estão Ievguiêni Pávlovitch Radomski e o Príncipe Sch., pretendentes a Aglaia e a Adelaida respectivamente.

Durante a visita, Aglaia recita o poema "cavaleiro pobre" de Puchkin. É sugerido ao leitor que Aglaia está apaixonada pelo príncipe, mas ela garante que não e explica o poema: *"Naqueles versos está diretamente*

---

[7] Nota do resumidor – Trata-se de cópia do "Corpo de Jesus morto no túmulo" de Hans Holbein, o Jovem, pintado originalmente em 1521. A obra está em Basiléia onde Dostoiévski a viu.
[8] Nota do resumidor – Este fato aconteceu num distrito chamado Míchkin. Dostoiévski leu a notícia num jornal.
[9] Nota do resumidor – Dostoiévski era epilético, desde os sete anos.

representado um homem capaz de ter um ideal, e em segundo lugar, uma vez que se propôs o ideal, foi capaz de acreditar nele e, tendo acreditado, de lhe dedicar cegamente toda a vida", sem que se saiba se ela fala sério ou ironiza, como é quase sempre o caso. Aglaia completa: *"O 'cavaleiro pobre' é o mesmo Dom Quixote, só que sério e não cômico. A princípio eu não compreendia e ria, mas agora amo o 'cavaleiro pobre' e, principalmente, respeito as suas façanhas"*. Note-se também que Aglaia muda as iniciais presentes no poema pelas de Nastácia (NFB), uma mudança que todos notam:

> *"Houve um pobre cavaleiro*
> *Natural e taciturno,*
> *De alma audaz e verdadeiro,*
> *De ar pálido e soturno*
> *(...)*
> *De alma em chamas, entrementes,*
> *Não olhou para as mulheres,*
> *Foi à morte renitente*
> *Sem falar com nenhuma delas.*
> *(...)*
> *Cheio de um puro amor,*
> *A um sonho doce e fiel,*
> *N.F.B.*[10] *ele gravou*
> *Com seu sangue em seu broquel.*
> *(...)*
> *Longe ao castelo tornando,*
> *Dura reclusão viveu,*
> *Sempre mudo, e tristonho*
> *Como louco ele morreu."* (págs. 288-289)

Neste mesmo dia, mais tarde, aparecem quatro rapazes que exigem ver Míchkin, entre eles Hippolit, o amigo tuberculoso de Kólia e filho da amante do general Ívolguin. Os outros três são Antip Burdovski, Vladimir Doktorenko, sobrinho de Liébediev, e Keller, um ex-oficial e pugilista. Na presença dos Iepántchins, os jovens exigem agressivamente metade da herança[11] de Míchkin, alegando que ele não é o verdadeiro filho de Pavilischov, mas Antip Burdovski, fruto de uma ligação ilegítima. Alegam razões morais, chantageando o Príncipe com a divulgação de um panfleto calunioso canhestramente escrito por Keller (e revisado por Liébediev):

> *"Príncipe, será que o senhor está nos considerando tão imbecis a ponto de nós mesmos não compreendermos o quanto o nosso caso não é jurídico e que se ele for analisado juridicamente nós não teremos o direito de exigir um único rublo do senhor?"* (pág. 306)

Míchkin já havia sabido da pretensão de Burdovski, tinha pedido a Gánia para verificar o caso e já descobrira que se tratava de fraude pura e simples urdida por um advogado desonesto chamado Tchebarov. No entanto, para a surpresa de todos, o príncipe concorda com uma indenização, dizendo que não daria àqueles homens dinheiro para aliviar a consciência, mas porque Pavlischov tinha interesse em Burdovski (este era sobrinho de uma mulher por quem Pavlischov esteve enamorado) e que ofereceria dez mil rublos, o mesmo que Pavlischov havia gasto com sua (do príncipe) educação e saúde, supondo que Burdovski havia sido enganado por Tchebarov, mas não sem lamentar a desfaçatez com que Burdovski havia exposto a própria mãe.

---

[10] Nota do resumidor – No poema original de Puchkin, estariam marcadas as iniciais AMD. NFB são as inciais de Nastácia Fillípvona Barachkova.

[11] Nota do resumidor – A herança que Míchkin recebeu era de uma tia e não de Pavilischov, fato que ressalta a absurdidade da pretensão.

“ - Sim, é claro que é uma vigarice! Porque se agora se verifica que o senhor Burdovski não é ‘filho de Pavlischov’, então nesse caso a reivindicação do senhor Burdovski vem a ser uma franca vigarice (isto é, naturalmente se ele sabia a verdade!). Mas o problema está exatamente em que ele foi enganado, por isso eu insisto em absolvê-lo; é por isso que eu digo que ele é digno de pena, por sua ingenuidade, e não pode ficar sem apoio; porque senão ele também aparecerá como um vigarista nesse caso. Aliás eu mesmo estou convencido de que ele não compreende nada! Eu mesmo estive em situação semelhante antes de viajar para a Suíça, também balbuciava palavras desconexas – a gente quer exprimir-se e não consegue...” (pág. 314)

A senhora Lisavieta Prokófievna agastada com aquela extravagância do príncipe faz um longo discurso chamando os chantagistas às falas e sai indignada, seguida de sua comitiva. O príncipe, por sua vez, ao ver o grupo de rapazes sair ofendido, recusando o dinheiro que insiste em dar, acha-se culpado de ter sido grosseiro e insensível. Os chantagistas acabam ficando por ali, convidados pelo príncipe e pelo menos um, Keller, seguirá na cena até o fim da história, tomando logo de cara a iniciativa de pedir ao príncipe dinheiro emprestado, o que Míchkin concede. Mais tarde, Hippolit, doente terminal, seria convidado a morar na casa do príncipe.

Quando o grupo Iepátchin começa a percorrer a pé a distância de trezentos metros até a sua dacha, aproxima-se uma carruagem de onde uma voz feminina grita a Radomski, que cortejava Aglaia, que não precisava temer certa promissória, porque Rogójin a havia resgatado. Radomski, atônito, diz não saber de nada. (Mais tarde, Míchkin concluiria que aquela voz era de Nastácia.)

Depois de certo tempo, a senhora Ívolguin vem visitar Míchkin, preocupada com uma carta que o príncipe havia escrito para a filha dela. Ele alega que havia escrito como irmão, não como amante. Ela revela que Vária havia aproximado Nastácia e Aglaia.

LIVRO III

Esta parte começa com o aniversário do príncipe Míchkin, na dacha dos Iepántchins em Pávlovsk. Míchkin, a senhora Iepántchin e suas três filhas, o príncipe Sch. e Radomski discutem o liberalismo[12].

Radamski insiste em que o liberalismo é contrário à Rússia e que qualquer um que se declare liberal não é russo. Para ele, liberalismo seria alguma coisa importada da Europa e seus adeptos na Rússia não visariam a melhoria do país, mas estariam solapando cada fundação sobre a qual a Rússia estava assentada. Estes liberais não seriam russos verdadeiros.

O príncipe Míchkin, que não está se sentindo bem, pede que se desculpe seu comportamento estranho. De fato, às vezes, sente-se alheado deste mundo:

“Às vezes lhe dava vontade de ir para algum lugar, sumir inteiramente dali, e gostaria até de um lugar sombrio, deserto, contanto que ficasse só com os seus pensamentos e que ninguém soubesse onde ele se encontrava. Ou queria ao menos estar em sua casa, no terraço, mas de tal forma que não houvesse ninguém, nem Liébediev, nem as crianças; queria deixar-se cair no seu sofá, mergulhar o rosto no travesseiro e assim ficar deitado um dia, uma noite, mais um dia. Por instantes sonhava também com montanhas, e justamente com um ponto conhecido nas montanhas, do qual sempre gostava de lembrar-se e aonde

[12] Nota do resumidor – “Liberalismo” aqui é mais no sentido político que econômico.

> *gostava de ir quando ainda morava lá, e olhar de lá para a aldeia lá embaixo, para a linha branca da cachoeira que se lobrigava lá embaixo, para as nuvens brancas, para o velho castelo abandonado. Oh, como ele gostaria de ir parar lá agora e ficar pensando em uma coisa – oh! Só nisso a vida inteira – e isso bastaria para mil anos!"* (pág. 387)

Míchkin confessa que está cansado e dá longa explicação sobre suas limitações: *"... depois de vinte anos de doença, alguma coisa deveria restar, de maneira que é impossível que não riam de mim... às vezes... não é assim?"* Todos riem. Sua cândida confissão é vista pelo grupo como nova demonstração de idiotia. Aglaia, em particular, está aborrecida com o comportamento do príncipe. Ela o ama por seu bom e generoso caráter, mas o despreza por confissões como aquela. Quando alguém faz pouco do príncipe, ela o odeia, sobretudo porque Míchkin recebe os insultos como uma criança submissa. Ela grita com ele: *"Por que você se rebaixa a nível mais baixo que eles? Por que está tudo virado dentro de você, não há orgulho em você?"* Ela é orgulhosa e, apesar de amar o príncipe, não quer ser vista seguindo um "idiota". (O que ela não vê é a sutil dignidade do príncipe, que aparenta submissão.)

Neste encontro, Aglaia, sempre muito agressiva, acusa sua mãe e irmãs de estarem conspirando para casá-la com Míchkin, apesar de tal esquema não existir. Voltando-se para Míchkin, ela lhe diz que não vai casar com ele por nada, não importa quanto ela for provocada. Ele responde: *"Eu não te pedi em casamento, Aglaia Ivanovna"*. Depois desta resposta ela se acalma e até mesmo começa a rir. O grupo decide passear no parque. Na partida, Aglaia diz ironicamente ao príncipe: *"Você me acompanha? Ele pode, maman? Um pretendente que me recusou? Você me rejeitou para sempre agora, não é Príncipe?"*

Vão ouvir as bandas no parque. Aglaia, caminhando de mãos dadas com Míchkin, aponta um banco verde e confidencia que ela senta ali todas as manhãs antes de os outros acordarem. Ele reage com indiferença. Mais tarde, o príncipe receberia um bilhete dela pedindo-lhe que ele a encontre naquele banco na manhã seguinte às sete horas. (Aglaia está desgostosa com o fato de ter de lhe dizer tudo, sem que o príncipe perceba nada sozinho.)

Em seguida, um incidente: aparece Nastácia Fillípovna para aquele grupo, pela primeira vez, desde a festa de aniversário dela. O grupo Iepántchin fica chocado em vê-la. Ela á cada vez mais vista como uma desgraça para a sociedade de bem e uma mulher caída. Nastácia aproxima-se de Radomski e debocha dele a respeito do suicídio do tio que havia acontecido naquela manhã (*"Ele ainda não sabe, imaginem!"*), com o objetivo de diminuir o prestígio do rapaz junto aos Iepántchins. (Com isso, ela espera retirar o rapaz da disputa por Aglaia deixando apenas o príncipe Míchkin no páreo. Ela confessaria depois que amava o príncipe; mas quer que ele seja feliz, coisa que só Aglaia poderia fazer.) O príncipe está incomodado em ver Aglaia e Nastácia juntas.

Por causa das provocações da moça, um oficial amigo de Radomski insulta Nastácia: *"Esse é um simples caso para chibata"* e ela lhe dá uma bengalada no rosto. Quando o oficial vai revidar, o príncipe o intercepta. O oficial o empurra e Keller vem salvá-lo, mas Míchkin agora corre o risco de ter de enfrentar um duelo. Aglaia chega mesmo a lhe dar instruções sobre como agir num duelo e ele admite estar com medo. Como ela quer saber se ele é covarde, Míchkin esclarece que *"covarde é aquele que tem medo e foge; mas quem tem medo e não foge ainda não é um covarde"*.

Naquela mesma noite, o príncipe vagueia na direção do banco verde, onde se encontraria com Aglaia no dia seguinte. Misteriosamente aparece Rogójin que ele não via desde a noite no corredor do hotel. Desde então, o príncipe o havia perdoado. O príncipe declara: *"Guardo na lembrança um Parfen Rogójin com quem me confraternizei naquele dia trocando as cruzes..."* Míchkin confessa-se um pecador também,

porque quando suspeitou de Rogójin, no dia do atentado, havia suspeitado de um irmão. Rogójin diz que Nastácia quer vê-lo imediatamente. O príncipe promete ir no dia seguinte. Rogójin revela que Nastácia e Aglaia têm se correspondido.

O príncipe e Rogójin voltam à dacha de Liébediev onde acontece uma reunião em que os pontos altos são a interpretação de Liébediev do Apocalipse de São João e a decisão de Hippolit pelo suicídio.

A tese de Liébediev é que o crescimento da ciência e a disseminação do egoísmo são sinais de que o fim está próximo. O aumento do interesse econômico, a prevalência do interesse próprio são sinais que simbolizam, de acordo com ele, que a era do último cavaleiro chegou e com ela a própria falência da humanidade.

O tuberculoso Hippolit lê um artigo (tipo "carta aberta") aos seus amigos. O documento chama-se "Minha Explicação Necessária" e tem como sub-título *"Après moi le déluge"*[13]. O conteúdo está associado à sua morte próxima. O documento está cheio de desesperança de um homem moribundo. Descreve pesadelos horríveis e visões, mas também traz idéias interessantes. Hippolit, que vai morrer em poucos meses, vê em torno de si pessoas saudáveis e se pergunta por que elas não vivem o máximo que podem.

Hippolit também comenta a pintura de Holbein[14] e acha-se como Míchkin perturbado por ela, achando também que ela tem o poder de diminuir a fé em Deus.

> *"Todavia, coisa estranha; quando se olha para esse cadáver de homem supliciado, surge uma pergunta especial e curiosa: se este cadáver fosse visto exatamente assim (e sem falta ele devia ser exatamente assim) por todos os seus discípulos, por seus principais e futuros apóstolos, pelas mulheres que o seguiam e estavam ao pé da cruz, por todos os que nele acreditavam e o adoravam, estas, ao olharem para esse cadáver, como poderiam acreditar que esse mártir iria ressucitar?"* (pág. 457)

A carta também refere-se a uma boa ação de Hippolit, devolvendo a carteira perdida a um homem pobre e ajudando-o a conseguir um emprego. O rapaz também acusa Rogójin de o ter aterrorizado rindo duas horas na cabeceira de sua cama (fato que se deve certamente a uma alucinação).

Hippolit sensibilizou o príncipe, que já havia experimentado a mesma solidão. Na Suíça, e algumas vezes agora, ele se sentia e sente como um deslocado, um pária, separado da humanidade e do mundo. Sob este ponto de vista, Hippolit e Michkin são iguais, A carta acabava indicando a intenção do rapaz de matar-se ao nascer do sol, que não tardava duas horas[15].

O grupo reunido pede a Hippolit que não cometa suicídio. Ele parece concordar, mas quando o sol se levanta, ele sai da casa, puxa uma pistola, encosta o cano na cabeça e puxa o gatilho. A arma não dispara, porque não havia cápsula no cano. As opiniões sobre este incidente variam, ficando a maioria com a tese de que se tratava apenas de uma exibição, não tendo Hippolit realmente intenção de matar-se.

O príncipe vai ver Aglaia na manhã seguinte no banco verde, conforme combinado. O bizarro triângulo entre Nastácia, Aglaia e Míchkin revela-se neste encontro. Aglaia vagamente confessa seu amor ao príncipe, propondo fugir com ele. Ele recusa. Aglaia lhe entrega as cartas que Nastácia lhe havia escrito. Aglaia sabe que Nastácia ama o príncipe, mas quer que ele case com ela. Aglaia ama Míchkin, mas quer

---

[13] Nota do resumidor – "Depois de mim, o dilúvio", expressão atribuída a Luís XV, mas de autenticidade duvidosa.
[14] Nota do resumidor - Trata-se da pintura impressionante vista na casa de Rogójin.
[15] Nota do resumidor – Na latitude de São Petersburgo, no verão o dia é longuíssimo.

que ele se case com ela de vontade própria e não porque outros querem. O príncipe, vamos relembrar, tende para salvador de Nastácia.

Míchkin lê as cartas de Nastácia que elogia Aglaia e diz que o príncipe a ama (Aglaia), insistindo no fato de que ela só quer fazer o príncipe feliz, porque ele sabe quão infeliz ela (Nastácia) é e tem simpatia por ela. A Nastácia destas cartas, suplicante e humilde, não é a mesma Nastácia do resto do livro.

O problema é claro, não pode ser resolvido com facilidade, porque o príncipe insiste em salvar Nastácia, que só ama Míchkin, que é vago e ingênuo nas coisas do amor. (O amor que ele conhece é o ideal cristão.) Aglaia está apaixonada por Míchkin, mas não pode suportar a presença de Nastácia, a mulher que o príncipe quer salvar.

Livro IV

Passa-se uma semana desde o encontro do príncipe e Aglaia no banco verde. O narrador volta a atenção para Vária, irmã de Gánia, que decide bancar a casamenteira e unir seu irmão a Aglaia. Voltando da casa dos Iepántchins, contudo, traz no rosto o desapontamento e revela que Míchkin parece ser o pretendente oficial. Gánia cogita de ele não ser um pretendente aceitável por causa de seu pai, mas ainda há esperança, porque Vária lhe entrega um bilhete em que Aglaia diz querer vê-lo.

(Enquanto isso, é encerrado um incidente ocorrido no final da reunião em que Hippolit tentara o suicídio. A carteira de Liébediev, com quatrocentos rublos, havia sumido e havia apenas três suspeitos, o general Ívolguin, Keller e Fierdischenko.

De fato, o general Ívolguin a havia roubado, fato que Míchkin e Liébediev já haviam concluído, mas o general, arrependido, havia secretamente devolvido a carteira. Liebédiev, para punir o velho e deixá-lo ansioso, faz de conta que não recuperou a carteira. Quando o príncipe fica sabendo da situação, solicita a Liébediev que perdoe o general: *"Perdão, mas com o simples fato de que ele pôs o perdido tão à vista do senhor, debaixo da mesa e na sobrecasaca, com isso ele já está lhe mostrando francamente que não quer artimanha com o senhor e lhe pede desculpa de forma simplória. Escute: está pedindo desculpa!"*

Mais tarde, Míchkin encontra-se com o indignado general que lhe revela estar se mudando da casa de Liébediev, onde estava morando. (O resto da família havia se mudado para a casa de Vária, que havia casado com Ivan Ptitzin.) Segundo seu hábito de inventar histórias, o general conta a Míchkin que, quando era pequeno, havia encontrado Napoleão e que o imperador francês havia gostado dele, o menino russo, de suas opiniões e lhe havia pedido conselhos militares. Após o encontro com o príncipe, o velho Ívolguin teve um ataque.)

Na casa dos Iepántchins, Míchkin pede a mão de Aglaia que brinca com ele e distorce suas palavras. Desta vez, a família está certa de que ela ama o príncipe e decide aceitá-lo como noivo da filha mais nova. Para legitimar o compromisso, um grupo da sociedade é convidado para o anúncio formal do noivado. Entre eles, está a princesa anciã Bielokónskaia, madrinha de Aglaia, cuja aprovação julgava-se especialmente importante.

Acontece enfim a recepção na casa dos Iepántchins. O príncipe chega apreensivo porque Aglaia o havia pressionado para não agir como um idiota e nem mesmo falar muito.

> *“ – Ouça de uma vez por todas –finalmente não se conteve Aglaia -, se você começar a falar de alguma coisa como pena de morte ou da situação econômica da Rússia, ou de que ‘a beleza salvará o mundo’, eu... é claro, vou ficar contente e vou rir muito, mas eu o previno de antemão: não me apareça depois diante dos meus olhos! Está ouvindo: eu estou falando sério! Desta vez eu estou falando sério mesmo!”* (pág. 586)

Para seu alívio, o Príncipe acha a companhia dos aristocratas muito agradável, sem se dar conta de que se trata apenas de uma máscara social .*“... Todas elas* (as pessoas convidadas)*, sem exceção, sabiam que estavam fazendo uma grande honra aos Iepántchins com sua visita. Mas, infelizmente, o príncipe não desconfiou dessas sutilezas.”* Míchkin entra numa discussão sobre religião com alguns dos presentes motivado pela declaração por um deles, de que o seu velho protetor Pavlischov havia aderido ao catolicismo:

> *“ – Pavlischov era uma mente iluminada e um cristão, um cristão de verdade – pronunciou de repente o príncipe -, de que jeito ele poderia sujeitar-se a uma fé... não cristã?... O Catolicismo é o mesmo que uma fé não cristã! – acrescentou de repente com os olhos brilhando, olhando à sua frente e ao mesmo tempo correndo de certo modo a vista por todos.*
> *- Ora, isso é demais – proferiu o velhote e olhou surpreso para Ivan Fiódorovitch.*
> *- Então, como é que o Catolicismo é uma fé não cristã? – virou-se na cadeira Ivan Pietróvitch. – Então, que fé é?*
> *- Uma fé não cristã, em primeiro lugar! – tornou a falar o príncipe com uma inquietação extraordinária e com uma nitidez fora da medida. – Isso em primeiro lugar; em segundo, o Catolicismo romano é até pior do que o próprio ateísmo, é essa a minha opinião! Sim! É essa a minha opinião! O ateísmo também prega o nada, mas o Catolicismo vai além: prega um Cristo deformado, que ele mesmo denegriu e profanou, um Cristo oposto! Ele prega o anticristo, eu lhe juro, lhe asseguro! Esta é uma convicção minha e antiga, e ela mesma me atormentou... O Catolicismo romano acredita que sem um poder estatal mundial a Igreja não se sustenta na Terra e grita: ‘Non possumus!’ A meu ver, o Catolicismo romano não é nem uma fé mas, terminantemente, uma continuação do Império Romano do Ocidente, e nele tudo está subordinado a esse pensamento, a começar pela fé. O papa apoderou-se da Terra, do trono terrestre e pegou a espada; desde então não tem feito outra coisa, só que à espada acrescentou a mentira, a esperteza, o embuste, o fanatismo, a superstição, o crime, brincou com os próprios santos, com os sentimentos verdadeiros, simples e fervorosos do povo, trocou tudo, tudo por dinheiro, pelo vil poder terrestre. Isso não é uma doutrina anticristã?! Como o ateísmo não iria descender deles? O ateísmo derivou deles, do próprio Catolicismo romano!”* (págs. 605-606)

O príncipe discursa ingenuamente sobre como é nobre e boa a alta sociedade e como as pessoas são boas. Excitado por esta conversa, Míchkin esbarra num grande e precioso vaso chinês que se espatifa. O príncipe cai num ataque epilético e, do ponto de vista dos Iepántchins, os desgraçou. Na saída, Bielokónskaia comenta com Lisavieta Prokófieva: *“Bem, é bom e parvo; e se queres saber a minha opinião, é mais parvo. Tu mesma estás vendo que homem ele é, um homem doente!”*

No dia seguinte, o general Ívolguin morre.

Míchkin dá-se parcialmente conta do que fizera no dia anterior, mas coisas piores estavam por vir. Aglaia o leva para se encontrar com Nastácia. O encontro, no lugar de ser agradável como esperado (considerando o tom das cartas de Nastácia para Aglaia), transforma-se numa briga. O príncipe é obrigado a decidir, naquele momento, quem ele ama, Nastácia ou Aglaia, e ele reluta. Aquela demora é demais para Aglaia que só o quer de todo o coração. Ela vai embora e Nastácia desmaia. O príncipe, preocupado com

Nastácia, no lugar de ir atrás da noiva, fica com ela. Aglaia desiste de Míchkin. Nastácia desiste de Rogójin. O príncipe e Nastácia estão de novo juntos, embora o prestígio social de Míchkin houvesse diminuído significativamente. Corria a seguinte versão sobre os acontecimentos:

> *"Contavam que ele teria aguardado deliberadamente uma reunião solene para convidados na casa dos pais da noiva, na qual ele foi apresentado a muitas pessoas importantes, para, em voz alta e na presença de todas elas, expor seu modo de pensar, destratar honrados dignatários, renunciar à sua noiva, em público e de modo ultrajante e, resistindo aos criados que o punham para fora, quebrar um belo vaso chinês."* (pág. 637)

Duas semanas depois, Nastácia propõe casamento ao príncipe. Perguntado se está feliz com o casamento, Míchkin responde: *"Feliz? Ah não! Só estou me casando."* Com isso, fica claro que o príncipe só quer salvar Nastácia de Rogójin. No dia do casamento, Nastácia, no caminho da igreja, vê Rogójin no meio da multidão. Ela grita para ser salva e os dois, Nastácia e Rogójin, fogem por entre a turba.

> *"Nastácia Filíppovna pareceu realmente pálida como um lenço; mas os olhos graúdos e negros brilharam sobre a multidão como brasas; foi esse olhar que a multidão não agüentou; a indignação se transformou em gritos de êxtase. Já se haviam aberto as portinholas da carruagem, Keller já dera a mão à noiva, quando de repente ela gritou e precipitou-se do alpendre contra o povo. Todos os que a acompanhavam ficaram petrificados de surpresa, a multidão se afastou diante dela e a cinco ou seis passos do alpendre apareceu subitamente Rogójin. Foi o olhar dele na multidão que Nastácia Filíppovna captou. Ela correu até ele feito louca e lhe segurou as duas mãos:*
> *- Salva-me! Leva-me daqui! Para onde quiseres, neste instante!"* (pág. 657)

Míchkin vai imediatamente a São Petersburgo à casa de Rogójin. A empregada diz que ele não está, mas o Príncipe pensa o haver entrevisto na janela. Bate na porta dos vizinhos e pergunta por Rogójin de modo alterado. Procura Nastácia em lugares possíveis, mas ninguém a havia visto. Finalmente Rogójin o encontra no hotel e o convida para irem a sua casa.

Num aposento escuro, o príncipe descobre que Rogójin a havia matado:

> *"O príncipe chegou-se ainda mais perto, um passo, outro, e parou. Estava em pé e escrutou com o olhar um ou dois minutos; durante todo o tempo, ao pé da cama, os dois não disseram uma palavra; o coração do príncipe batia tanto que parecia que o ouviam no quarto, no silêncio mortal do quarto. Mas ele já se acostumara, de modo que podia distinguir toda a cama. Nela alguém dormia um sono absolutamente imóvel; não se ouvia nem o mínimo farfalhar, nem o mínimo respiro. O adormecido estava coberto desde a cabeça por um lençol branco, mas os seus membros era como se estivessem dispostos de maneira estranha; pela altura só se via que havia uma pessoa estendida. Ao redor reinava a desordem, na cama, nos pés, nas poltronas ao pé da cama, até no chão estava espalhada a roupa tirada, um rico vestido de seda branco, flores, fitas. Na mesinha, à cabeceira, reluziam os brilhantes tirados e espalhados. Nos pés estavam amassadas em um bolo umas rendas e sobre as rendas brancas a ponta de um pé nu apontava por baixo do lençol; ele parecia como que esculpido de mármore e estava terrivelmente imóvel. O príncipe olhava e sentia que quanto mais olhava mais morto e silencioso ficava o quarto. Súbito zuniu uma mosca que acordava, passou voando sobre a cama e calou-se à cabeceira. O príncipe estremeceu."* (págs. 671-672)

Rogójin descreve friamente o assassinato dizendo que a faca só havia penetrado três ou quatro polegadas sob o seio esquerdo e que apenas uma colher de sangue havia vertido. Ele a atingira diretamente no coração. Rogójin então afasta-se da cama onde estava o corpo e cai numa febre delirante. A cada uivo

dele, Míchkin enxuga-lhe a testa. Quando a polícia finalmente chega, atraída pelos vizinhos que Míchkin havia alvoroçado, encontra o príncipe completamente idiotizado sentado ao lado de Rogójin.

> *"De raro em raro e vez por outra, Rogójin começava de repente a balbuciar, alto, em tom ríspido e desconexo; punha-se a gritar e a rir; então o príncipe lhe estendia a mão trêmula e lhe tocava suavemente a cabeça, o cabelo, afagava-o e afagava-lhe as faces... nada mais conseguia fazer! Ele mesmo começava a tremer outra vez, e outra vez era como se as pernas voltassem subitamente a fraquejar. Uma sensação qualquer e inteiramente nova lhe afligia o coração com uma melodia infinda. Enquanto isso, havia clareado por completo; por fim ele se deitou no almofadão, como que já totalmente sem forças e em desespero, encostou seu rosto ao rosto pálido e imóvel de Rogójin, todavia a essa altura talvez não sentisse mais as suas próprias lágrimas e já nada soubesse a respeito delas...*
> *Ao menos quando, já depois de muitas horas, abriu-se a porta e pessoas entraram, estas encontraram o assassino completamente sem sentidos e febril. O príncipe estava sentado ao lado dele na esteira imóvel e calado, e sempre que o doente gritava ou delirava, ele se apressava em lhe passar a mão trêmula pelos cabelos e faces, como se o afagasse e acalmasse. No entanto já não compreendia nada do que lhe perguntavam e não reconhecia as pessoas que entravam e o rodeavam. Se o próprio Schneider chegasse agora da Suíça e olhasse para o seu ex-discípulo e paciente, ele, relembrando o estado que o príncipe às vezes ficava no primeiro ano de tratamento na Suíça, agora desistiria e diria como naqueles tempos: 'Idiota!'."* (pág. 677)

No final, o príncipe volta para a Suíça. Os Iepántichins (menos Aglaia), Radomski e o príncipe Sch. o visitam. Eles o perdoam. Rogójin é sentenciado a quinze anos na Sibéria. Aglaia casa-se com um polonês cujos títulos e fortuna provariam mais tarde serem fantasiosos. O príncipe Míchkin é apenas um idiota novamente.

(Resumo feito por José Monir Nasser. Os trechos transcritos são da 1ª. edição de "O Idiota" da editora 34, 2002, São Paulo, tradução de Paulo Bezerra).